



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 01/07/2022

GLOBAL	2
FAO - OCDE – Precios de commodities seguirán subiendo en la zafra 2022/23.....	2
CHINA	3
Importaciones de carne vacuna siguieron creciendo en mayo.....	3
Sigue cautelosa la demanda por carne vacuna.....	3
BRASIL	3
Precios de novillo para CHINA se apartan del resto.....	3
CEPEA: peso medio récord en los terneros para reposición.....	4
Agrifatto: promedio de faena se mantiene estable.....	4
Avances en la implementación de normativas de mayor autocontrol de la seguridad alimentaria.....	5
Rabobank proyecta exportaciones récords en segundo semestre.....	5
URUGUAY	5
Fuerte ajuste a la baja en el mercado del gordo.....	5
Sorpresa ante la abrupta baja y cierre de faena.....	6
Por la escasa demanda y la escasa oferta, "los US\$ 5 por novillo están garantizados".....	7
Ferrés: "La industria sabe que es el peor momento de oferta del año".....	7
Sube precio de la carne en Brasil y complica importación.....	7
Bajo esta realidad, feedloteros esperan entre US\$ 60 y US\$ 120 de margen.....	8
PARAGUAY	8
Mercado de haciendas gordas para la exportación con recuperación de precios.....	8
UNIÓN EUROPEA	8
Acuerdo UE Nueva Zelanda fue firmado.....	8
<i>Asociaciones de la carne respaldaron el cierre</i>	9
Comisión Europea acordó reducir el consumo de bienes ligados a la deforestación.....	9
FRANCIA: prohíben denominar carne a proteínas elaboradas a base de plantas.....	9
REINO UNIDO	10
AFTOSA: Descartan un caso sospechoso.....	10
Esfuerzos para reducir las trabas comerciales.....	10
ESTADOS UNIDOS	11
Creció la producción de carne durante el mes de mayo.....	11
Proyectan baja de las existencias en feed lots.....	11
Limitaciones logísticas afectan el abastecimiento de granos y forrajes.....	12
SENASA: avances en la aprobación de proyectos legislativos para transparentar el Mercado ganadero.....	13
Estiman un 17% de aumento en el costo del asado del 4 de Julio.....	13
Sequía en Texas está acercándose a su peor récord.....	14
AUSTRALIA	14
Exportaciones cayeron 5 % en los primeros cinco meses de 2022.....	14
Oportunidades para los exportadores asutralianos en el REINO UNIDO.....	15
MÉXICO	15
Taiwán acordó la compra de carne bovina y la posibilidad de sumar cerdo.....	15
Treinta establecimientos cárnicos podrán exportar a CUBA.....	16
EMPRESARIAS	16
Supermercado australiano lanzó línea de carnes bovinas carbon neutras.....	16



GLOBAL

FAO - OCDE – Precios de commodities seguirán subiendo en la zafra 2022/23

30 de junho de 2022

A atual recuperação dos preços das commodities agrícolas deve ser temporária. As cotações podem permanecer elevadas na safra 2022/23, mas a expectativa é de que, depois, retomem sua tendência de queda em termos reais, avaliam a Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

No curto prazo, uma incerteza está relacionada à guerra entre Rússia e Ucrânia. A diminuição das exportações desses países está elevando os preços internacionais de alimentos e rações, e aumentos adicionais das cotações podem ocorrer se a guerra mantiver os preços da energia e dos fertilizantes em níveis elevados e prolongar as limitações dos embarques ucranianos e russos.

Relatório divulgado hoje (29/6) apresenta uma avaliação de curto prazo sobre como a invasão da Ucrânia feita pela Rússia pode afetar os mercados agrícolas globais e a segurança alimentar. Segundo o documento, os preços de equilíbrio do trigo poderiam ficar 19% acima dos níveis pré-conflito se a Ucrânia perder totalmente sua capacidade de exportação e 34% mais altos se, além disso, as vendas russas ao exterior caírem a 50% dos volumes habituais.

Na hipótese de um grave déficit das exportações ucranianas e russas em 2022/23 e 2023/24, e supondo que não haja resposta global de produção, o relatório projeta um aumento adicional do número de pessoas cronicamente subnutridas no mundo após a pandemia da covid-19.

“Sofrimento humano”

“Sem a paz na Ucrânia, os desafios globais de segurança alimentar continuarão a piorar, especialmente para os mais pobres”, disse o secretário-geral da OCDE, Mathias Cormann, em comunicado. Qu Dongyu, diretor-geral da FAO, acrescentou: “Esses preços crescentes dos alimentos e da energia, além das condições financeiras mais restritivas, estão espalhando o sofrimento humano. Estima-se que mais 19 milhões de pessoas poderão enfrentar a subnutrição crônica em todo o mundo em 2023 se a diminuição das exportações de alimentos de Rússia e Ucrânia resultar em queda da disponibilidade de alimentos”.

Conforme o relatório, nos próximos dez anos, os preços agrícolas em termos reais (ajustados pela inflação) devem permanecer estáveis ou cair ligeiramente. As duas organizações dizem que isso é consistente com os fundamentos de oferta e demanda esperados até 2033.

O ambiente macroeconômico durante os próximos dez anos é particularmente incerto. Em todo caso, as projeções levam em conta que os preços da energia, que hoje estão altos, recuarão até 2023 e permanecerão fixos em termos reais para o resto da década.

Para o consumo global de alimentos, que é o principal uso de commodities agrícolas, prevê-se aumento de 1,4% ao ano nos próximos dez anos, impulsionado principalmente pelo crescimento da população. A China poderá ser responsável por 41% da demanda adicional de pescados e 34% da de carne bovina, e a Índia, por metade da demanda adicional por produtos lácteos frescos.

As perspectivas para a dieta da população global na próxima década continuam a ser determinadas, em grande parte, pelos níveis de renda. Em países de alta renda, a expectativa é de que o aumento dos cuidados com a saúde e das preocupações com o meio ambiente resulte no declínio do consumo per capita de açúcar e no crescimento modesto do consumo de proteína animal.

Em contraste, consumidores dos países de renda média poderão aumentar seu consumo de alimentos e diversificar suas dietas, com mais produtos e gorduras animais. As dietas nos países de baixa renda, no entanto, continuarão a basear-se em grande parte em alimentos básicos.

As projeções indicam que os países não alcançarão o objetivo de Fome Zero até 2030, a menos que nos próximos dez anos aumentem a produtividade agrícola global em 28%, mais do triplo da última década. Já as colheitas deveriam aumentar 24%, ou o dobro do que foi alcançado na década passada.

FAO e OCDE dizem esperar que a demanda de matérias-primas para biocombustíveis de primeira geração cresça lentamente nos próximos dez anos, principalmente devido ao declínio no uso de combustível e à redução dos incentivos em mercados-chave, como a União Europeia. Índia e Indonésia responderão pela demanda adicional de matérias-primas para biocombustíveis, impulsionada por aumento do uso de combustível e de subsídios para os agricultores. A participação dos biocombustíveis no uso global da cana-de-açúcar deverá aumentar para 23% até 2031, enquanto o uso de milho para biocombustíveis deve diminuir.

Os investimentos para aumentar a produtividade e melhorar a gestão agrícola deverão impulsionar o crescimento da safra global, segundo o relatório. Na hipótese de que haja progresso contínuo no melhoramento vegetal e transição para uma produção mais intensiva, o crescimento do rendimento deve responder por 80% do aumento global da produção agrícola, a expansão das terras cultivadas, por 15%, e



o aumento da intensidade de cultivo, por 5%. A expansão das terras de cultivo vai se concentrar na Ásia, América Latina e África Subsaariana.

O crescimento em carne bovina e pescado deverá chegar a 1,5%. O relatório projeta que a avicultura será responsável por mais da metade do crescimento da produção de carne graças à rentabilidade firme e à relação favorável entre os preços da carne e da ração.

A produção de leite deverá crescer fortemente na próxima década; Índia e Paquistão responderão por metade do avanço.

O relatório destaca a contribuição significativa da agricultura para a mudança climática. As emissões diretas de gases de efeito estufa da agricultura deverão aumentar 6% na próxima década, com a pecuária representando 90% desse aumento. No entanto, as emissões agrícolas crescerão a um ritmo inferior ao da produção, graças à melhorias de rendimento e à queda na participação da produção de ruminantes, o que indica um declínio na intensidade de carbono da agricultura.

CHINA

Importaciones de carne vacuna siguieron creciendo en mayo

28/06/2022 GANADERÍA

En mayo ingresaron a China 223.578 toneladas de carne vacuna, de acuerdo con información de Aduanas dadas a conocer por el Meat International Group (MIG). El volumen es 27,7 mil toneladas más abultado que el ingresado en abril (+14,1%), manteniendo la tendencia de crecimiento desde que comenzó el año con tan solo 154 mil toneladas en enero. El principal proveedor del mes fue Brasil, desde donde llegaron unas 94 mil toneladas (42% del total), secundado por Argentina y Uruguay con 15% cada uno (unas 34 mil toneladas). En los primeros cinco meses de 2022 llegaron a China 940.612 toneladas de carne vacuna con un aumento de 15% respecto al mismo período de 2021.

Sigue cautelosa la demanda por carne vacuna

por Cecilia Ferreira junio 29, 2022

Hay un desfase entre los valores del ganado local y el de la carne en el mercado internacional, "sobre todo en la demanda, que no es la misma que se veía a principios de este año", dijo Alejandro Berrutti, director de Berrutti Negocios Rurales.

Hoy la demanda es más selectiva, no convalida los valores que venían de antes y pretenden ajustar a la baja. "Eso no cierra con lo que estamos viendo en el mercado ganadero", apuntó.

El cambio se ve principalmente en China, con un mercado más flojo, aún con embarques de carne negociados en febrero y marzo.

Asimismo, hay mercados que siguen empujando los valores para ciertos cortes, pero no para todo el animal como lleva China que marca una referencia para el mercado.

Las cuadrillas kosher por ejemplo están empujando y dinamizando el mercado local, operando en muchas plantas. Se registra una brecha muy marcada entre novillo y vaca que no se estaba viendo. Y la demanda está en los novillos bien pesados que son los que reciben los mejores premios.

Importación en volumen de asados de Brasil puede afectar el mercado local

La habilitación para asados es en caja y enfriado, lo que impacta en los costos. Que se vuelque asado en el mercado local debería traducirse en una disminución en el precio, "pero varios volúmenes pueden generar una destrucción del mercado de asado local", consideró Berrutti. "El volumen y la calidad son las dos consideraciones más importantes a tener en cuenta", dijo.

BRASIL

Precios de novillo para CHINA se apartan del resto

Por: Denis Cardoso 30/06/2022

Exportadores brasileiros intensificam os embarques ao mercado chinês, favorecidos pelo câmbio favorável (alta do dólar frente ao real) e pelo fim dos severos lockdowns em grandes cidades do país asiático

Nos últimos 30 dias, o preço do boi-China (abatido mais jovem, geralmente com idade abaixo de 30 meses, com até quatro dentes) subiu R\$ 25/@ no mercado de São Paulo, saltando de R\$ 305/@, em 30 de maio, para R\$ 330/@, nesta quinta-feira, 30 de junho.

Os dados acima foram apurados pela equipe de analistas da Scot Consultoria, de Bebedouro, que acompanha diariamente o mercado pecuário.

Só nesta quinta-feira, o animal com padrão para clientes do mercado chinês avançou R\$ 5/@ nas praças paulistas, chegando aos 330/@ já citados acima.



Por sua vez, o macho gordo e a vaca gorda destinados ao consumo doméstico (abatidos em São Paulo) registraram estabilidade nesta quinta, fechando o dia valendo os mesmos R\$ 317/@ e R\$ 287/@, respectivamente, da quarta-feira (29/6).

Porém, cotação da arroba do boi gordo que atende ao mercado interno subiu R\$ 17,50/@ no acumulado de junho (para os R\$ 317/@, referência que não era observada desde meados de abril/22).

A novilha gorda, porém, sofreu reajuste diário de R\$ 2/@ neste último dia do mês, subindo para R\$ 304/@ (no prazo, valor bruto) em São Paulo, informa a Scot.

Segundo analistas da IHS Markit, a recuperação nos preços do boi-China é motivada pelo forte crescimento da demanda por parte do país asiático, depois dos transtornos registrados em meses anteriores.

A desvalorização do dólar frente ao real é outro atrativo para os exportadores brasileiros de carne bovina, já que o produto brasileiro fica ainda mais competitivo no mercado internacional, impulsionado as compras não só da China, mas também de outros importantes clientes da proteína nacional.

“Com o câmbio favorável, os embarques brasileiros de carne bovina podem alcançar em torno de 160 mil toneladas em junho, fator este que deve ser replicado e superado ao longo do segundo semestre deste ano”, prevê a IHS.

A retomada das atividades portuárias e a reabertura da economia chinesa após o longo período de severos lockdowns devem favorecer a entrada da carne brasileiro no gigante asiático, gerando dados positivos tanto para volumes quanto para faturamento do setor, acrescenta a consultoria.

“A demanda externa deve continuar como principal driver do setor, fomentando a cadeia de produção doméstica e dando maior liquidez às operações”, ressalta a IHS.

Confinamento em baixa – Na maior parte do País, a IHS Markit observou que não há avanços na intenção de confinamento para o segundo giro, mesmo com custos apresentando estabilidade e a relação de troca de boi gordo/bezerro em melhores patamares.

“Produtores que apontaram a intenção em efetuar o segundo giro de confinamento adentram em um cenário de risco alto, porém com retornos mais significativos, haja visto que há prêmios remuneradores entre R\$ 5 a R\$ 20 sobre os referenciais futuros de agosto, setembro e outubro”, observa a IHS.

Por outro lado, continua a consultoria, há regiões em que o segundo giro de confinamento é viabilizado por conta de parcerias entre confinadores e frigoríficos, diluindo os custos e os riscos, configurando maior segurança na operação.

Aperto da entressafra – No mês de julho que se inicia nesta sexta-feira, os preços do boi gordo tendem a ganhar força, refletindo a escassez ainda maior de animais gordos, prontos para abate.

“As ofertas de animais terminados a pasto são raras no mercado, enquanto a disponibilidade de lotes providos do primeiro giro de confinamento deve cair drasticamente a partir da terceira semana de julho”, projeta a IHS.

Assim, continua a consultoria, pode-se esperar novas altas na arroba em muitas das praças pecuárias brasileiras, porém, ainda sem fôlego para superar as máximas observadas neste ano de 2022.

CEPEA: peso medio récord en los terneros para reposición

30 de junho de 2022 Dados do Cepea mostram que o peso médio do animal de reposição (de 8 a 12 meses, nelore, comercializado em Mato Grosso do Sul) neste ano (de janeiro a junho) está em 213,15 quilos por cabeça. Trata-se de um recorde, tanto considerando-se os seis primeiros meses de anos anteriores como também as médias anuais, desde fevereiro de 2000 (início da série do bezerro do Cepea).

Esse cenário evidencia que, apesar dos elevados custos de produção, o pecuarista brasileiro vem investindo em tecnologia ao longo dos últimos anos. E os resultados destes esforços vêm sendo observados pelo aumento na oferta de reposição e, sobretudo, pelo maior peso do bezerro.

Agrifatto: promedio de faena se mantiene estable

27 de junho de 2022

O período de transição da safra para entressafra mantém a tendência de enxugamento das programações de abate e a pressão altista sobre os preços da arroba, informa nesta sexta-feira a Agrifatto.

A média nacional das escalas de abate se encontra em 8 dias úteis, sem variação ante o registrado na semana passada, acrescenta a consultoria, que aponta abaixo as programações em algumas principais regiões brasileiras.

São Paulo – As indústrias fecharam a sexta-feira com 9 dias úteis programados, sem alteração no comparativo entre as semanas.

Mato Grosso do Sul – Os frigoríficos locais conseguiram avançar as suas escalas em 2 dias, encerrando a sexta-feira com 10 dias úteis programados.



Pará e Goiás – Nesses Estados, as escalas de abate se encontram na média de 8 dias úteis. Enquanto as indústrias goianas aumentaram as escalas em 2 dias, as paraenses reduziram as programações em 5 dias, no comparativo semanal.

MG/MT/RO – Os frigoríficos mineiros, mato-grossenses e rondonienses encerraram a semana com as escalas próxima dos 7 dias úteis. Em Minas Gerais e Rondônia as programações recuaram 1 dia, enquanto em Mato Grosso avançaram 1 dia, ante o registrado na sexta-feira passada.

Tocantins – As programações de abate continuaram na média de 6 dias úteis, sem variação no comparativo semanal.

Avances en la implementación de normativas de mayor autocontrol de la seguridad alimentaria

Eurocarne 29/06/2022 Los programas de autocontrol serán definidos por el establecimiento, pero deberán cumplir, al menos, con los requisitos definidos en la legislación

La Comisión de Agricultura y Reforma Agraria (CRA) del Senado brasileño ha aprobado un proyecto de ley que permite al sector privado establecer programas de autocontrol sobre su propia producción agropecuaria. En la práctica, los productores y la industria del sector deberían seguir siendo responsables de cumplir con los estándares de defensa agrícola determinados por la legislación, pero sin tanta injerencia directa del Estado.

Los programas de autocontrol serán definidos por el establecimiento, pero deberán cumplir, al menos, con los requisitos definidos en la legislación. Corresponderá a la inspección verificar que se están cumpliendo todos los requisitos y al Ministerio de Agricultura establecer los requisitos básicos necesarios para el desarrollo de los programas de autocontrol, redactar normas complementarias y definir los procedimientos de verificación oficial de estos programas.

El texto también instituye el Programa de Incentivo al Cumplimiento de la Defensa Agrícola, con el objetivo de mejorar los sistemas de aseguramiento de la calidad. La iniciativa requerirá que el establecimiento regulado comparta periódicamente datos operativos y de calidad con la inspección agropecuaria. Habrá beneficios e incentivos a cambio, que se definirán reglamentariamente.

El proyecto también incluye medidas que tienen como objetivo reducir la burocracia de los procesos de registro de productos agrícolas y la liberación de establecimientos por parte de los órganos competentes, entre otros puntos.

Rabobank proyecta exportaciones récords en segundo semestre

30 de junho de 2022

O Banco Holandês indicou que as exportações de carne bovina devem ter bons ritmos embarcados no segundo semestre de 2022, principalmente pelas vendas aquecidas para a China, Estados Unidos, Egito e Emirados Árabes. O banco projeta um crescimento de cerca de 10% nos embarques com relação a 2021.

O mercado chinês deve se manter como o maior destino da carne bovina brasileira, elevando a participação para 49% do total embarcado com 437 mil toneladas compradas até maio/22. O aumento é de 38% com relação ao mesmo período do ano anterior, conforme apontou o Rabobank.

Em seguida vem os Estados Unidos, representando 8% do total exportado e somando 71 mil toneladas no mesmo período, alta de 110% no comparativo anual. Com isso, as exportações somaram 887 mil toneladas em volume e USD 5 bilhões em faturamento, aumento de 25% e 56%, respectivamente, no comparativo anual.

Ainda de acordo com o banco holandês, o cenário de dicotomia entre demanda interna e externa tem elevado o peso das exportações na precificação do boi gordo, somado ao período de entressafra de produção e ao maior interesse dos frigoríficos exportadores por novos lotes de gado, os preços que estavam em queda desde abril já começam a dar sinais de recuperação.

Apesar dos preços futuros mostrando recuperação para o segundo semestre e se aproximando dos R\$ 338,00/@, a pressão nas margens do confinamento acabou desestimulando os pecuaristas a investir no primeiro giro e isso reforça que os preços devem seguir sustentados no terceiro trimestre deste ano, caso não ocorram embargos mais severos as exportações.

URUGUAY

Fuerte ajuste a la baja en el mercado del gordo

por Javier Lyonnetjunio 29, 2022

El mercado del gordo cambió radicalmente en las últimas 48 horas. “Complejo”, “incierto” y “en transición” son algunos de los términos empleados por actores del sector consultados por Ganadería.uy. El consignatario y exportador Alejandro Berruti lo había advertido el lunes: un desfase entre los precios de



exportación y el precio de la hacienda. Varios frigoríficos decidieron cerrar o dar licencias y faenar en niveles mínimos y bajar los precios radicalmente este martes.

Las industrias están pasando valores entre 20 y 30 centavos por debajo de los de la semana anterior, dependiendo de la categoría. Se espera que la suspensión de actividades de varios frigoríficos llevará a la faena por debajo de las 40 mil cabezas semanales en julio.

En la medida que esto suceda “se va a lograr bajar el precio y que la oferta y la demanda floten parejo por un tiempo; los novillos tendrían que moverse entre US\$ 5,20 y US\$ 5,50 en julio”, apuntó un consignatario.

Por los novillos que la semana pasada se vendían entre US\$ 5,40 y US\$ 5,50, desde este martes se está pasando US\$ 5,20.

En estos días se están cargando novillos especiales de punta vendidos a entre US\$ 5,60 y US\$ 5,70 a principios de la semana anterior.

Para las vacas gordas el eje está entre US\$ 5 a US\$ 5,20 cuando la semana pasada se cerraron vacas hasta US\$ 5,40. La inestabilidad de este momento de transición fue ejemplificada por un operador: “nos sabemos si los precios de US\$ 5,10 hoy por vaca son buenos o malos”.

El nivel de la oferta es muy limitado, especialmente en ganados bien terminados, y los verdes siguen demorados.

Las entradas son dispares: desde cuatro o cinco días hasta mediados de julio en casos de plantas que cierran las dos primeras semanas de julio.

Varias de las principales industrias cerrarán en julio o reducirán su actividad a menos jornadas semanales: Tacuarembó deja de operar todo julio por licencia y reformas, Colonia reabrirá esta semana y postergó hasta el 11 de julio, Canelones y Carrasco operan menos días a la semana, San Jacinto cierra las dos primeras semanas de julio y BPU también dará licencias por 20 días. PUL no tiene fechas definidas pero también entraría con licencias en julio.

“El ajuste a la baja en la actividad va a ser inevitable, por debajo de las 40.000 cabezas, y eso anticipa alguna nivelación diferente en la oferta y la demanda”, adelantó Gustavo Basso; “es totalmente lógico en el mercado que empiece a haber especulaciones en cuanto a la corrección de los valores. El mercado lo espera, pero se da en el momento que el nivel de oferta es muy limitado”.

Operativa kosher

Las cuadrillas kosher están empujando y dinamizando el mercado local, operando en muchas plantas y que marcan una brecha muy marcada entre novillo y vaca que no se estaba viendo, afirmó Alejandro Berrutti, director de Berrutti negocios rurales. Y la demanda está en los novillos bien pesados que son los que reciben los mejores premios. Los equipos kosher en un contexto de falta de oferta da sostén a los precios

“Productores que tienen ganados prontos y semi prontos en un mercado al alza no son vendedores. La industria tiene que completar faena y echa mano a todo”. La falta de oferta hasta agosto es una realidad.

Las primeras semanas de agosto comienza una nueva ventana para Cuota 481 y aumentará el ingreso de ganado de corral.

Sorpresa ante la abrupta baja y cierre de faena

30/06/2022 En las próximas semanas varias plantas frigoríficas suspenden actividades y si bien “se sabía” que la industria iba a bajar actividad en esta época del año, “sorprende que sea tan abrupta la baja y el cierre de faena”

En las próximas semanas varias plantas frigoríficas suspenden actividades y si bien “se sabía” que la industria iba a bajar actividad en esta época del año, después de la faena de mayo cuota y los ganados de campo, “sorprende que sea tan abrupta la baja y el cierre de faena”.

Facundo Schauricht, directivo de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), comentó que lo esperable era tener faenas dos o tres veces por semana o determinadas cabezas. No obstante, entre lunes y martes varias plantas pararon actividades con ganados ya comprados. “A la misma industria le tomó por sorpresa. Hay plantas que estaban compradas y le dijeron a los productores que no se iban a levantar en 10, 15 o hasta 20 días manteniendo valores. En un momento como este con los verdes con poco volumen de forraje correr una carga 10, 15 o 20 días es complicado”, aseguró.

En Valor Agregado de radio Carve, el responsable del departamento de Hacienda de Zambrano & Cía explicó que “la única manera que tiene la industria de que los valores no se disparen es bajando la faena”. Hoy se proponen entre 20 y 30 centavos menos de lo que se venía manejando: un novillo cotiza entre US\$ 5,20 a US\$ 5,40 y la vaca de US\$ 5,05 a US\$ 5,10.

“Todavía no hay un mercado formado. Es difícil estimar qué va a pasar en 15 días cuando esto sucedió de forma abrupta. Los valores van a seguir siendo buenos, por encima de los US\$ 5. El tema es que hay gente que puede seguir esperando a los ganados, pero hay gente que tiene que vender”, concluyó.



Por la escasa demanda y la escasa oferta, "los US\$ 5 por novillo están garantizados"

01/07/2022 Luego de que varias plantas frigoríficas confirmaron un párate en la actividad, Pablo Carrasco, director de Conexión Ganadera, aseguró que la medida "tiene toda la lógica"

Luego de que varias plantas frigoríficas confirmaron un párate en la actividad, Pablo Carrasco, director de Conexión Ganadera, aseguró que la medida "tiene toda la lógica". "De aquí para adelante la faena podrá ser mejor que algún otro año, pero no va a recuperar los niveles de los últimos meses", aseguró.

En Valor Agregado de radio Carve, hizo referencia a que está demostrado que las altas faenas son las únicas que permiten a un frigorífico trabajar con márgenes muy pequeños, pero cuando la faena es baja hacen inviable el negocio del frigorífico.

"La industria, además de pagar caro el ganado, tiene costos fijos que pesan mucho. En general, esto pasaba en septiembre, no en julio, pero se adelantó como se adelantó todo", dijo.

En tanto, aseguró que "no va afectar demasiado los valores del ganado" porque los negocios hay que cumplirlos. "Lo que se busca es frenar por escasez la subida del precio de ganado", indicó.

Por otro lado, estimó que el piso del precio del novillo será de US\$ 4,50, "jamás debajo de eso". Y agregó: "Tengo la sensación de que va a rondar los US\$ 5 por muchos años más. Los US\$ 5 están garantizados, por la escasa demanda y la escasa oferta".

Finalmente, señaló que, en otro volumen de faena, se va a equilibrar el mercado sin que los precios se perjudiquen.

Ferrés: "La industria sabe que es el peor momento de oferta del año"

30/06/2022

Álvaro Ferrés, director ejecutivo de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva, explicó que, con la incertidumbre en el mercado exterior, en estos momentos "hay que esperar"

En las próximas semanas varias plantas frigoríficas suspenden actividades. Con un ganado en plaza que aumenta su valor y un mercado internacional que está frenado en demanda, con tendencia incierta en precios (China), la industria evalúa si vale la pena seguir pujando por el ganado o para la actividad y espera lo que pase en el mercado. Álvaro Ferrés, director ejecutivo de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva (Aupcin), explicó que el objetivo es que no siga subiendo, y que eventualmente baje.

"En estos momentos lo que hay que hacer es esperar. Entiendo que la industria pueda hacer su ecuación, es normal. La industria sabe que es el peor momento de oferta. El ganado de corral hoy es baja, saben que en 30 días hay más oferta de ganado de corral. El invierno que viene duro la probabilidad es que haya más ganado en agosto. Es claro que agosto y septiembre va a haber más ganado que hoy", comentó el experto en Valor Agregado de radio Carve.

No obstante, opinó: "No veo por qué el ganado gordo tenga que bajar. En China los precios bajan, pero perdemos la referencia. Estamos con precios muy altos. China empezó a abrir, hay más demanda, el stock se consume".

Por otro lado, instó a estudiar cómo está el precio de la carne de Brasil: "Creo que Uruguay se tiene que parecer más a Australia que a Brasil. Tenemos que estar más preocupados con lo que pasa con Australia que con Brasil. Uruguay ha demostrado que teniendo el ganado más caro que Brasil los frigoríficos trabajaron a pleno".

Finalmente, sobre el mercado de la reposición, dijo: "Cuando el clima empiece a ser más primaveral la reposición va a afirmarse de forma importante".

Sube precio de la carne en Brasil y complica importación

Pablo Antúnez Por Pablo Antúnez, 29/06/2022 Sondean valores para cortes con hueso para el abasto

El precio del ganado gordo en Brasil continúa firme y subiendo, pero también está incrementándose el consumo local de carne bovina y la demanda por cortes del delantero.

La semana, en el mercado de San Pablo, abrió con subas de hasta 2 reales por arroba para todas las categorías de animales destinados a faena y el precio de la hacienda en pie para el mercado interno subió a 312 reales por arroba.

A su vez, en el caso de bovinos con las características para exportar a China, destino que es la prioridad para la industria brasileña exportadora, se negocian a entre 320 y 325 por arroba, pero sigue faltando materia prima y por eso suben los precios.

Según los datos de la Asociación Brasileña de la Industria Frigorífica (Abrafigo), en la venta al por mayor de carne bovina con hueso, la canal de novillo subió 0,4% y la de animales enteros (sin castrar) 1,6%, siempre comparando con los valores de la semana anterior. Los precios de la carne con hueso continúan respaldados por una oferta más reducida y valores de compra de materia prima más alto, sostuvo Abrafigo.



Tras la habilitación de la importación de carne bovina con hueso de los cinco estados de Brasil que están un peldaño por encima de Uruguay en el status de fiebre aftosa -Paraná, Rio Grande do Sul, Acre, Rondônia y parte de Amazonas y Mato Grosso, que se unieron a Santa Catarina, que hasta entonces era el único con certificación internacional como zona libre de fiebre aftosa sin vacunación-, los abastecedores uruguayos siguen sondeando precios.

Concretar los primeros negocios de importación de carne con hueso de Brasil está resultando difícil, porque el panorama cambió drásticamente y las diferencias de precios de asados y faldas con Uruguay, ya no son tantas.

Según algunos datos que pudo recabar El País, existen frigoríficos exportadores de Rio Grande do Sul que están pasando valores de US\$ 4.800 la tonelada para asados bovinos con hueso, sumando costo y flete, el precio quedaría muy similar al asado producido y procesado en Uruguay. El otro problema es que tampoco aseguran oferta.

La mira de otros abastecedores están puestas en otros estados del Norte, como es el caso de Paraná y Mato Grosso do Sul, donde los primeros sondeos de valores están levemente por debajo de los que ofrecen los frigoríficos de Rio Grande do Sul. La exportación de carne bovina con hueso desde Uruguay a Brasil sigue firme, especialmente para asado y cortes de feedlot.

Bajo esta realidad, feedloteros esperan entre US\$ 60 y US\$ 120 de margen

28/06/2022

Firmeza fue lo que se vivió en los corrales de engorde durante el primer semestre del año, porque los números oficiales así lo demuestran

Firmeza fue lo que se vivió en los corrales de engorde durante el primer semestre del año, porque los números oficiales así lo demuestran. Además, hay muchos productores que se han introducido en el negocio y eso es lo que ha generado una mayor participación en la faena.

Daniel Miranda, presidente de la Mesa de Feedlot, explicó que hace unas semanas atrás había incertidumbre, por la pequeña baja que hubo. No obstante, aseguró que el mercado tiene enormes perspectivas, dado que la demanda exterior está con gran firmeza y eso va a mantener los precios en los rangos de las últimas semanas.

“El resultado económico es bueno, son valores que están más cercanos a la realidad del corral”, dijo Miranda en Valor Agregado de radio Carve.

En ese sentido, señaló que entre US\$ 60 y US\$ 120 es el margen que uno pretende obtener cuando encierra.

Sobre la próxima ventana de agosto, para la entrada del primer trimestre 2023, sostuvo que “vamos a tener una baja en el volumen de lo que se puede ingresar, porque la participación de la cuota disminuye y aumentan los negocios en general”.

Sobre el negocio 200 días comentó que es “de nicho” y que estamos aprendiendo del negocio.

“Lo importante, más allá del requerimiento de días, es que se pide tamaño y calidad de marmóreo, que se supone se obtiene en ese tiempo. Estamos en una etapa de aprendizaje”, dijo.

Además, opinó que no va a sustituir a la cuota 481, sino que vino para complementar: “Cada vez tenemos un menú más amplio de corral y de terminación a pasto”.

PARAGUAY

Mercado de haciendas gordas para la exportación con recuperación de precios

29/06/2022 GANADERÍA

El mercado de haciendas gordas para la exportación de carne marcó una recuperación de precios en la actual semana, con correcciones alcistas que oscilan entre 5 y 15 centavos de dólar dependiendo de las plantas compradoras. De acuerdo al relevamiento de Valor Agro, los valores de los machos gordos se posicionan entre US\$ 3,60 y US\$ 3,65 por kilo carcasa, con negocios puntuales que ascienden a US\$ 3,70 a la carne. Mientras que las vacas rondan los US\$ 3,15 y alcanzan hasta US\$ 3,20 por kilo al gancho. Una fuente del sector informó que la oferta de animales prontos para faena se está equilibrando, en relación al importante volumen que se presentó entre mayo y junio. Sin embargo, dijo que las plantas frigoríficas están reguladas en las compras.

UNIÓN EUROPEA

Acuerdo UE Nueva Zelanda fue firmado

30 June 2022 Pork, beef and dairy all impacted

The European Union and New Zealand completed negotiations on Thursday for a free trade agreement that could boost goods and services business between the two partners by 30%, reported Reuters.



European Commission President Ursula von der Leyen made the announcement after a meeting in Brussels with New Zealand Prime Minister Jacinda Ardern, the latter saying it had taken 14 years since the idea of such a deal was first floated.

Free trade negotiations began in mid-2018 and, for the EU, the deal will put the bloc's trade with New Zealand on a par with countries that already have a trade pact with New Zealand, notably those of the 11-nation CPTPP Asia-Pacific deal.

The agreement will remove tariffs on a wide range of products and be the first struck by the EU that includes the possibility of sanctions if either side flouts environmental or labour standards, plans for which were only outlined last week.

Tariffs will fall for EU exports such as pigmeat, wine, chocolate, sugar confectionary and biscuits. The EU will open up to more dairy products and beef from New Zealand, a sensitive area for some EU countries.

"It's probably fair to say that no one likes it, so we must have got it about right," New Zealand trade minister Damien O'Connor said, half-joking, when asked about the compromises made during a tough, final stage of negotiations.

Asociaciones de la carne respaldaron el cierre

24/06/2022 Un grupo de dirigentes del sector cárnico neozelandés están visitando la Unión Europea (UE) ante la próxima negociación de un acuerdo de libre comercio entre ambos bloques.

Una de las responsables que está visitando la UE es la directora ejecutiva de Meat Industry Association, Sirma Karapeeva, junto al director ejecutivo de Beef + Lamb New Zealand, Sam McIvor. Apoyarán a los negociadores comerciales de Nueva Zelanda durante las conversaciones, que se llevarán a cabo durante los últimos días de junio.

"Las negociaciones están llegando a un punto crítico y este viaje a Bruselas destaca cuán importantes son estas discusiones para el sector de la carne roja de Nueva Zelanda", dice Karapeeva. "Nueva Zelanda ha sido un socio comercial confiable y de larga duración para la UE y nuestras empresas han brindado a los consumidores productos seguros, nutritivos y de alta calidad durante décadas.

A pesar de esto, Nueva Zelanda es uno de los pocos países que no tiene un tratado de libre comercio con la UE, por lo que esta es una oportunidad para concluir un acuerdo comercial ambicioso, integral y de alta calidad", señala

Sam McIvor, director ejecutivo de B+LNZ, dice que Nueva Zelanda y la UE comparten valores comunes y un compromiso con altos estándares de producción y marcos regulatorios sólidos para la seguridad y calidad de los alimentos, el bienestar animal y la sostenibilidad.

"Un acuerdo comercial ambicioso y de alta calidad entre Nueva Zelanda y la UE encaja perfectamente, por lo que imploraremos a nuestros negociadores que lleguen a un acuerdo que refleje esto y brinde beneficios reales al sector", asegura. (Fuente: Eurocarne)

Comisión Europea acordó reducir el consumo de bienes ligados a la deforestación

Fonte: Estadão Conteúdo. 29 de junho de 2022 O Conselho Europeu, órgão que define a agenda política da União Europeia (UE), concordou nesta terça-feira (28) com uma proposta para limitar a entrada e exportação de commodities cuja produção contribuiu para o "desmatamento ou degradação florestal" em todo o mundo.

Segundo o acordo, regras foram estabelecidas para operadores que "colocam, disponibilizam ou exportam" óleo de palma, carne bovina, madeira, café, cacau e soja, além de alguns produtos derivados, como couro, chocolate e peças de mobília.

"Devemos garantir que os produtos que consumimos na Europa não contribuam para o esgotamento das reservas florestais do planeta. O texto inovador que adotamos permitirá combater o desmatamento dentro da UE, mas também fora dela. Este é um grande passo em frente que também ilustra a nossa ambição para o clima e a biodiversidade", disse a ministra para Transição Energética da França, Agnès Pannier-Runacher.

De acordo com o comunicado do Conselho Europeu, os líderes políticos da UE também concordaram em "simplificar e esclarecer" o sistema de diligência ambiental que rege a atividade do mercado de commodities.

Foi adotado ainda um sistema de avaliação comparativa, que classifica em três níveis diferentes o risco de desmatamento para determinadas produções.

FRANCIA: prohíben denominar carne a proteínas elaboradas a base de plantas

01 July 2022 A ban on the misuse of the word 'meat' will begin in October

France will ban from October the use of meat names like "steak" and "sausage" on plant-based protein food, according to a decree published on Thursday, reported Reuters, in a bid to avoid confusion over the trendy meat alternatives.



France is the first country in the European Union to impose such a restriction. In 2020, EU lawmakers rejected a similar proposal, backed by farmers.

The market for plant-based meat-like food has surged, attracting major investment from global agrifood groups hoping to capitalise on a trend towards healthy eating, including less red meat.

"It will not be possible to use sector-specific terminology traditionally associated with meat and fish to designate products that do not belong to the animal world and which, in essence, are not comparable," the official decree reads.

The regulation only applies to products made in France, and the country's largest farm lobby FNSEA said it did not go far enough as it left the door open to imports.

French meat industry association Interbev welcomed the implementation of the law initially adopted in 2020, just after the end of the pandemic lockdown.

"This provision is a first step on French territory, a pioneer in the protection of its names, which should be extended at European level," it said in a statement.

Terms like "milk", "butter" and "cheese" are already banned at the European level on products that are not of animal origin.

The word "burger" used by many brands including US firms Beyond Meat, Impossible Foods and Restaurant Brands International Inc's Burger King to attract consumers, would still be allowed as it does not specifically refer to meat, an Interbev spokesperson said.

Angel investors, venture capitalists, as well as increased investments from agrifood giants such as Cargill, Danone and Nestle, have helped boost growth to 19% per year for the next five years, according to ResearchAndMarkets.

EU lawmakers vote for 'veggie burgers', take hard line on dairy labels.

REINO UNIDO

AFTOSA: Descartan un caso sospechoso

By REUTERS June 24, 2022 British officials on Friday ruled out a suspected case of foot and mouth disease in the rural eastern English county of Norfolk.

Movement restrictions and a temporary 10-km control zone for animals were enforced around a farm, according to the Department for Environment, Food and Rural Affairs.

"Following swift action in response to this possible case I can confirm that testing has enabled me to fully rule out presence of (foot and mouth) disease," Christine Middlemiss, Britain's chief veterinary officer, said on Twitter.

Foot and mouth disease is a severe, highly contagious viral disease of livestock that affects cattle, swine, sheep, goats and other cloven-hoofed animals.

According to the World Organization for Animal Health, FMD is not readily transmissible to humans and is not a public health risk.

The last British outbreak was in 2007, but a particularly severe outbreak occurred in 2001, which culminated in the slaughter of more than 6 million animals.

Esfuerzos para reducir las trabas comerciales

30 June 2022 Beef trade to Asia hindered by tariffs, quotas

Britain's trade minister will on Thursday pledge to target dozens of bureaucratic barriers to exports in a pitch for freer trade, the day after she extended a protectionist package of tariffs and quotas on steel products, reported Reuters.

Anne-Marie Trevelyan acknowledged the move to increase barriers to steel imports breached international trade rules but said the situation warranted the extension of safeguards, even though she considers herself a champion of free trade.

Ahead of her speech on Thursday, the trade ministry said it would target 100 priority issues worth 20 billion pounds (\$24.24 billion) that could be resolved outside of negotiations over new Free Trade Agreements to replace the arrangements that Britain operated under in the European Union.

Among the trade impediments listed, it cited blocks on meat exports to countries in Asia, rules that delay medical devices entering South Africa and restrictions on UK-trained lawyers practicing in Japan.

"We know that businesses who export pay higher wages and are more productive than businesses who do not, but too often, complex trade rules and practical obstacles prevent them selling overseas," Trevelyan said in a statement.

The trade ministry said it had gained extra powers to remove such trade barriers due to Brexit, although Britain and the EU face the prospect of a possible trade war themselves over a dispute around trading arrangements in Northern Ireland.



The department said it had already supported the "resolution" of around 400 barriers to trade in more than 70 countries in the last two years.

However, the timeframe for the actual removal of the barriers might not always be so short. For instance, the ministry said that the removal of restrictions on British beef heading into South Korea, which could be worth 2.5 billion pounds (\$3.03 billion), would be resolved in the next five years.

ESTADOS UNIDOS

Creció la producción de carne durante el mes de mayo

26/06/2022 La producción comercial de Estados Unidos de carne roja durante el mes de mayo fue de 2,03 millones de toneladas, un 4 % más que en mayo de 2021. En el caso de la carne de cerdo, se alcanzaron las 980.000 toneladas, un 5% más en cantidad y un 4% más de sacrificios. En el conjunto del año, EE.UU. lleva producidas 10,32 millones de toneladas de carne, un 1% menos que en 2021.

Proyectan baja de las existencias en feed lots

By Derrell Peel - Oklahoma State University June 27, 2022

The latest USDA Cattle on Feed report showed June feedlot inventories of 11.846 million head, 101.2 percent of one year ago. This is a record level of June feedlot cattle since the data series began in 1996.

Among the leading cattle feeding states, number one Texas is up three percent year over year with number two Nebraska up four percent year over year. Number three Kansas is down one percent from last year while number four Colorado is up one percent year over year. These four states represent 76.4 percent of total feedlot inventories. Feedlot numbers are declining seasonally with the June 1 level down for the fourth consecutive month from the February all-time record feedlot inventory of 12.199 million head.

Feedlot marketings in May were 1.914 million head, 102.4 percent of last year. May 2022 included one additional business day compared to 2021 and, as a result, daily average marketings were lower than one year ago. May marketings were slightly below average pre-report estimates at the low end of the range.

May placements were 1.869 million head, 97.9 percent of last year. This was lower than expected and less than the lowest pre-report estimates. May placements also included more lightweight cattle with feedlot placements weighing less than 700 pounds up 4.9 percent year over year while placements over 700 pounds were down 5.5 percent from last year. Smaller than expected placements may be beginning to bring feedlot inventories down from record levels.

It is reasonable to ponder why feedlots have maintained record inventories in 2022 despite the decline in overall cattle numbers since 2019. The largest calf crop of this cattle cycle was in 2018 and has decreased from a peak annual production of 36.3 million head in 2018 to 35.1 million head in 2021. In general, it would be expected that feeder supplies would have peaked in 2019 and feedlot production in 2020. Delays due to the pandemic in 2020 pushed some feedlot production into 2021.

Several other factors are also contributing to the continuing delays in peak feedlot and beef production. The decline in heifer retention associated with cyclical peak inventories followed by liquidation means that more heifer calves are directed into feedlots. The inventory of beef replacement heifers peaked in 2017 at 6.36 million head and dropped to 5.61 million head in 2022. Cyclical herd liquidation has been exacerbated by widespread drought in 2021 and 2022. Heifer slaughter increased from a low of 7.35 million head in 2015 (at the beginning of herd expansion) to 9.82 million head in 2019; dropped back to 9.45 million head in 2020 (partly the result of the pandemic); and increased again to 9.83 million head in 2021. So far in 2022, heifer slaughter is running 3.3 percent above 2021 levels as more heifers continue to come through feedlots. Drought has likely been a significant factor in increased heifer slaughter last year and this year.

Finally, feedlots have placed more lightweight cattle which increases days on feed and allows feedlot inventories to remain elevated for a while. It was noted above that May placements included more lightweight cattle. In the last six months, overall feedlot placements have increased 1.7 percent year over year with placements under 700 pounds up 3.5 percent and placements over 700 pounds up just 0.5 percent. Slowing down the turnover rate makes fewer cattle last longer in the feedlot.

It will take much of the remainder of the year for feedlots to work through the current inventory and we can't be sure what additional impacts the drought may have in the coming months. We may continue to see feedlot placements pulled ahead and more heifers shifted into feedlots for a period, but it is inevitable that cattle supplies will tighten significantly in the coming months and feedlot inventories will fall. The longer it takes to see that process begin, the more sudden and dramatic it will be. The timing is always tricky although the latest placement data may indicate that it has begun.



Limitaciones logísticas afectan el abastecimiento de granos y forrajes

By TYNE MORGAN June 30, 2022 Rail bottlenecks are not improving, and in some cases, growing more severe. Feed users in California and the Southwest are having issues sourcing grain, with some reporting they are paying \$3 over the CBOT price to secure grain by truck. Not only are feed users on the brink of running out of grain, but there are also concerns the rail issues could grow worse during harvest this fall.

The National Grain and Feed Association (NGFA) says their members have been seeing issues since late winter and early spring, which then caused the Surface Transportation Board (STB) to hold a hearing in August. While the industry thought the issues would improve by summer, labor issues are not getting better.

“What I’m hearing from our members is fewer equipment issues and that the equipment and engines seem to be not breaking down, but the train times - the amount of time it’s taking to get the trains - and the reliability of receiving them is still quite a problem in quite a few areas of the country,” says Mike Seyfert, President and CEO of NGFA.

According to Trains.com, Foster Farms, the largest chicken producer in the western U.S., asked federal regulators to issue an emergency service order last week that would direct Union Pacific to prioritize corn shipments that thousands of dairy cattle and millions of chickens and turkeys depend upon.

“The point has been reached when millions of chickens will be killed and other livestock will suffer because of UP’s service failures,” Foster Farms wrote in its request to the Surface Transportation Board this week.

Seyfert says the emergency order shows the seriousness of the issue.

“At times in in the past several months, we have heard from more than one member that has had severe difficulty getting feed, sometimes being within several hours of being short,” says Seyfert.

While a combination of weather, supply chain issues and other factors are creating the severe scenario, the main issue seems to revolve around labor. According to NGFA, railroads were already down about 25% in staffing prior to the COVID-19 pandemic. Then, problems during the pandemic only exacerbated the labor issue.

Ken Erikson, senior vice president at S&P Global Fuels, Chemicals and Resource Solutions Group, says the training required to bring employees back on the railroad is something that takes time, similar to what airlines are experiencing with pilots and other staff.

“The railroads had on a mandated requirement, instituted position railroad systems out there for precision scheduled railroads, part of the requirements to meet for the federal government,” says Erikson. “So, they thought they didn’t need as much crews if they can automate some things or be able to have greater visibility and trains. Well, the reality is they got so far behind they had furloughed a lot of crew members. And you just can’t bring crews back overnight without adequate training and to bring equipment back that’s offline to get a condition again. These things take long lead times.”

Another issue with labor are union and other labor discussions and disputes. Erikson points out the International Longshore and Warehouse Contract with Pacific Maritime Association expires Friday, July 1. Erikson says the two parties have been negotiating and committed to stay working, there could be other ripple effects.

“They’ve committed to stay working, but what we’ve seen as the diversion of cargo moving to the West Coast or to the U.S. Center Gulf, areas that move a lot of cargo, but also you have requirements and equipment demand to other regions that hasn’t been there. So now you move the problem elsewhere,” says Erikson.

Ahead of Friday’s expiration, the L.A. port chief sees no disruptions on eve of contract lapsing. Farm Journal Washington correspondent Jim Wiesemeyer reports the head of the US’ busiest port said he doesn’t foresee strikes at about 30 West Coast maritime hubs even as the labor contract for 22,000 dockworkers is about to lapse without a new deal. “Anything’s possible, but it will not happen,” Port of Los Angeles Executive Director Gene Seroka said Wednesday.

The labor issues could be far from over, as the four major rail lines are in the middle of a labor dispute with the unions. With the timeline on the table today, there are concerns those issues could grow more severe and possibly cause even more rail issues during the fall months, which is a busy time with harvest.

“They’re currently in a 30 day cooling off period, where they’re no longer working on arbitration,” Seyfert explains. “There’s some actions the President can take in mid-July to appoint a board, which can then make some recommendations that can be acted on. There’s 30 days there. Then, there’s 30 days for the railroads and in the labor to work together to determine to accept or not accept that.”

Once we get into mid-September, there’s also a risk of some labor issues, even labor stoppage on some of the rail lines. And so getting these things addressed now and all of us working together before we get particularly into that fall harvest, where we’ve really never been in a situation where a reliable and resilient rail service is more important than it is.”



Seyfert says there have been recommendations made to the Surface Transportation Board (STB) regarding more transparent reporting by the railroad, as well as a request for railroads to submit service plans. There are also additional steps Congress could take to help resolve a portion of the rail bottlenecks.

SENASA: avances en la aprobación de proyectos legislativos para transparentar el Mercado ganadero

28 June 2022 The bills are an important step towards fairness for farmers

The US Senate Agriculture Committee favourably reported S. 3870, the Meat and Poultry Special Investigator Act of 2022 and S. 4030, the Cattle Price Discovery and Transparency Act of 2022. Both bills will foster much-needed competition in the meat and poultry sector, according to a press release from the National Farmers' Union (NFU).

"For family farmers and ranchers to thrive, they need markets that offer adequate price discovery and transparency," said NFU president Rob Larew. "NFU strongly supports the Cattle Price Discovery and Transparency Act of 2022, which will preserve the cash market as an option for cattle producers by establishing regional minimums for cash trades, and through other provisions. The move to advance the Meat and Poultry Special Investigator Act, on the heels of action by the House Agriculture Committee to do the same, is also a welcome move towards boosting enforcement of competition laws that get to the bottom of abusive market practices."

Larew said the passage of the two bills is an important step towards fairness for farmers.

"I'd like to thank Chairwoman Stabenow for her leadership in supporting and moving these bills forward," he said. "I would also like to thank Senators Fischer, Tester, Grassley, and Wyden for guiding the progress of Cattle Price Discovery and Transparency Act, and greatly appreciate the co-sponsors of each of the bills."

"NFU urges for swift passage of both S. 3870 and S. 4030 by the full Senate," he concluded

27/06/2022 Los precios del ganado en Estados Unidos están marcando máximos históricos, según datos del Instituto Norteamericano de la Carne (NAMI por sus siglas en inglés), en un momento en que la Cámara de Representantes y el Senado de ese país están revisando la legislación para una posible intervención en los mercados de carne y ganado.

La semana pasada, Julie Anna Potts, presidenta y directora general del Instituto Norteamericano de la Carne, describía los altos precios como "estratosféricos" y agregó: "como han dicho muchos economistas del sector, los mercados de la carne y ganado siguen comportándose de forma predecible dada la oferta y la demanda y no necesitan mandatos e intervenciones gubernamentales".

"El proyecto de ley Grassley-Fischer que se está tramitando en el Comité de Agricultura del Senado costará a los productores de la mayor región productora de ganado millones de dólares, y los productores de todo el país perderán la capacidad de comercializar su ganado como ellos elijan", describía Potts. Además, continuaba asegurando que "el proyecto de ley Meat and Poultry Special Investigator establecería un Investigador Especial al mismo tiempo que el Departamento de Agricultura está proponiendo cambiar las reglas establecidas bajo la Ley de Empacadores y Astilleros. (En base a Eurocarne)

Estiman un 17% de aumento en el costo del asado del 4 de Julio

28 June 2022 Supply chain issues, inflation and Ukraine war cited as cause

According to a new American Farm Bureau Federation (AFBF) market basket survey, US consumers will pay \$69.68 for their favourite Independence Day cookout foods, including cheeseburgers, pork chops, chicken breasts, homemade potato salad, strawberries and ice cream.

The average cost of a summer cookout for 10 people is \$69.68 or less than \$7 per person. The overall cost is up 17% or about \$10 from last year, a result of ongoing supply chain disruptions, inflation and the war in Ukraine.

Farmers are feeling the price-point pain too, like the people they grow food for, according to AFBF Chief Economist Roger Cryan.

"Despite higher food prices, the supply chain disruptions and inflation have made farm supplies more expensive; like consumers, farmers are price-takers not price-makers," Cryan said. "Bottom line, in many cases the higher prices farmers are being paid aren't covering the increase in their farm expenses. The cost of fuel is up and fertiliser prices have tripled."

Cryan also pointed to the cascading effects of the war in Ukraine, as that country's contributions to global food security are cut off, Russian and Belarusian fertilizer exports are constrained, and some other countries pull back exports to protect their domestic supplies.

The largest year-to-year price increase was for ground beef, at \$11.12 for 2 pounds, up 36%. Meanwhile, the Department of Agriculture's Producer Price Index indicates that compared to a year ago, farm-level



cattle prices are up 17.5%, but wholesale beef prices are down 14%. This serves to highlight the differences between farm-level, wholesale and retail beef prices and how the events of the last few years have had significant impacts on the beef production and cattle pricing cycles, making them all hard to predict.

"The increased cost of food and supplies is a very real concern in our country and across the globe," said AFBF president Zippy Duvall. "US food assistance programs and food banks help those who struggle to make ends meet here at home, but the story is much different around the globe as food insecurity skyrockets. The big impact of a single event in Ukraine shows how dependent the world is on stable, productive agriculture."

Sequía en Texas está acercándose a su peor récord

By GREG HENDERSON June 29, 2022

More than 45% of the contiguous US is currently in drought, with many parts of the southwest experiencing severe, extreme or exceptional drought. And no state has it worse than Texas.

Officials say 2022 is already one for the record books in Texas, with more than 80% of the state facing drought conditions most of the year. Comparisons are already being made to the drought of 2011, with some believing this year could eclipse 2011 as the state's worst.

About 17% of all land in Texas is experiencing "exceptional" drought, the highest such figure for late June since 2011. That year, over 70% of the state's land experienced "exceptional" drought in late June.

The driest year on record for Texas was 2011, causing an estimated \$7.62 billion in crop and livestock losses.

New data from the National Oceanic and Atmospheric Administration shows there is a reason for Texans to be concerned about the weather this year: Last month tied for the warmest May on record in the state, along with May 2018. The early heat was followed by more drought.

The wide-spread drought in West Texas has already surpassed some 2011 records. Midland, Tex., had its driest period on record from September 2021 to May 31, when it received only 8% of its normal rainfall. The second driest was in 2011.

In the same time period, Lubbock experienced its seventh-driest time on record overall, but the driest since 2011. Lubbock also had six days reach 100 degrees or higher from March through May — tying for the third-highest number of 100-degree days in those months in Lubbock's records, going back to 1914.

Texas can expect more of the same in the season ahead, the lead meteorologist for the state's principal grid-management agency reported on June 21, the first day of summer.

It's "close to a lock" that Summer 2022 in Texas will be hotter than last year's summer, the forecaster, Chris Coleman, told ERCOT's board. In the immediate prelude to the just-starting summer, May 2022 was hotter in Texas than May 2011, Coleman added.

AUSTRALIA

Exportaciones cayeron 5 % en los primeros cinco meses de 2022

28 June 2022

Australia exported 133,444 tonnes of red meat in May, a 4% increase from May 2021. To date Australia has exported 557,265 tonnes of red meat this year, a 5% decline from the first five months of 2021.

Beef

Most of the increase was due to increases in beef exports. In May, 79,536 tonnes of beef was exported, a 4% increase from May 2021 and an 11% increase from April 2022.

The largest shift seen this month was in the export of grainfed beef which rose 58% from April and 18% year-on-year (YoY) to 30,835 tonnes. This makes sense in the context of a growing feedlot sector – the number of cattle on feed in Q1 2022 grew 26% YoY to 1.27 million, the highest on record. Grainfed beef made up 39% of total exports in May, compared to 34% in May 2021 and 27% in May 2020.

The growth in grainfed export share contributed to considerable growth in Japan, Australia's largest market. Japan exported increased 17% YoY to 25,606 tonnes. This figure is the highest recorded since March 2020, when export volumes were much higher overall. Most of this growth came from grainfed beef with grainfed exports growing by 33% YoY to 14,326 tonnes while grassfed exports increased by 2% YoY to 11,280 tonnes.

A similar dynamic can be observed in South Korea, where exports rose by 2% YoY to 13,220 tonnes. Grainfed exports rose by 10% YoY while grassfed exports fell by 4%. By contrast, the USA saw exports fall by 6% YoY to 10,992 tonnes.

This contrast shows the continued importance of grassfed beef to our export mix. In South Korea, grainfed exports make up roughly 40% of total exports which means that supply stays more consistent as



production varies. The USA with its heavy demand for lean manufacturing beef, is a 95%+ grassfed market, making it more exposed to large shifts in production.

Lamb

Lamb exports increased by 3% YoY in May to 26,691 tonnes. The largest destination was the USA which imported 7,201 tonnes from Australia in May, a 9% YoY increase. There was a notable shift in storage mode with frozen exports to the USA rising by 37% YoY to 3,743 tonnes while chilled exports fell by 10% to 3,458 tonnes.

By far the largest shift in the market was a rapid increase in exports to Papua New Guinea which imported 2,692 tonnes in May. This represented a 229% increase YoY and makes Papua New Guinea the third largest destination for Australian lamb in May.

Mutton

In May, 11,554 tonnes of mutton was exported, a 22% increase YoY. To date, Australia has exported 57,577 tonnes of mutton this year, a 7% increase from 2021. China was the largest market in May, importing 4,332 tonnes. This is a 41% increase YoY and made China the destination for 38% of Australian exports in the month.

Much of the increase was seen through large increases to smaller markets such as Egypt, Thailand and Canada. In particular, the Middle East/North Africa region saw large increases in export volume from individual markets that contributed to a large volume increase overall. Exports to Oman were 205 tonnes up from zero in May last year, while the UAE, Qatar and Saudi Arabia recorded increases of 207%, 163% and 65% respectively. This contributed to an overall increase in export volume of 121% for the month to 1,642 tonnes.

Goat

Australia exported 1,701 tonnes of goatmeat in May, down 12% from April and up 23% YoY. USA exports increased 31% YoY to 915 tonnes, representing 54% of total exports. South Korean exports fell by 24% YoY to 253 tonnes and exports to Taiwan rose by 63% YoY to 203 tonnes. To date, 9,359 tonnes of goatmeat have been exported in 2022, a 39% increase from the first five months of 2021.

Oportunidades para los exportadores australianos en el REINO UNIDO

28 June 2022

The Australia-United Kingdom Free Trade Agreement (A-UK FTA) was signed on 17 December 2021 and will open up new opportunities for Australian red meat exports after it enters into force, anticipated in the second half of 2022.

In Q1 2022, MLA conducted three new research studies to clarify and better understand the opportunities for Australian red meat in the UK market. A summary of the research was created for stakeholders to optimise the timely sharing, adoption and impact of the insights.

The key insight take-outs:

The UK has a large and growing middle class that prioritises meat safety and integrity, high spending on food and foodservices, enjoys red meat and forecast to increase red meat imports.

While UK retail has long run a campaign to 'buy British', consumers and trade are positively predisposed to Australian red meat, an affinity based on our shared culture and history.

Australia's presence in the market has been limited to-date by EU market access restrictions. With Brexit and the A-UK FTA, raising awareness of the strengths of Australian red meat attributes – particularly safety, integrity, quality and taste – and production systems is the first step.

Sustainability concerns are growing among consumers and will need to be addressed as part of Australia's red meat credentials.

The market is used to lean red meat of variable quality, presenting opportunities across all tiers for Australian quality consistency underpinned by MSA, as well as opportunities for Australian premium and grainfed product.

The a summary of the research has been provided to over 80 exporters so far and to numerous government partners, including the Australian High Commission in London.

Stephen Edwards has been appointed as MLA's Business Manager. Stephen was previously MLA's North America Regional Manager and has held a number of different senior management roles in industry. Stephen is currently connecting with exporters, prior to moving to the UK later in the year.

MÉXICO

Taiwán acordó la compra de carne bovina y la posibilidad de sumar cerdo

25/06/2022 GANADERÍA Taiwán acordó la compra de carne bovina de México, con la posibilidad de sumar la carne suina y otros productos, según informó el director de la Oficina Económica y Cultural de Taipei,



comunicó el medio mexicano Forbes. “México se convertirá en nuestro último socio importador de carne de res, por lo que esperamos fortalecer el comercio bilateral y la promoción de los buenos productos mexicanos a Taiwán”, afirmó Armando Cheng, director general de la Oficina Económica y Cultural de Taipei en México. En la publicación, que difundió Eurocarne, se indicó que la calidad y el sabor de los alimentos del país integrante del Nafta atrajeron a Taiwán, país que tiene un plan para comprar carne de vacunos y cerdos. El diplomático señaló que el acuerdo para la exportación de carne es un gran hito y cierra el trabajo de colaboración de varios años.

Treinta establecimientos cárnicos podrán exportar a CUBA

29/06/2022

Catorce de ellos renuevan la autorización que ya tenían de años anteriores

El Ministerio de Agricultura de la República de Cuba ha notificado al Senasica que los 30 establecimientos Tipo Inspección Federal (TIF) que fueron auditados, han sido autorizados para exportar sus productos cárnicos de las especies bovina, porcina, aviar y ovoproductos a dicho país, informó Jesús Huerta, presidente de la Asociación Nacional de Establecimientos TIF (Anetif).

En este proceso participaron establecimientos TIF localizados en los estados de Ciudad de México, Chihuahua, Coahuila, Durango, Guanajuato, Jalisco, México, Michoacán, Nuevo León, Puebla, San Luis Potosí, Sinaloa, Sonora, Veracruz y Yucatán. 16 obtuvieron la autorización para exportar por primera vez y 14 refrendaron la renovación de su autorización.

En 2021 México exportó a Cuba más de 8.000 toneladas de productos de cerdo y ave, lo que coloca al país caribeño como el principal destino comercial de los productos avícolas mexicanos.

EMPRESARIAS

Supermercado australiano lanzó línea de carnes bovinas carbon neutras

30 June 2022 Farms team up with Coles to create carbon-neutral beef range

An industry-leading beef range has hit shelves in Coles, as the retailer became the first major Australian supermarket to launch a certified own brand carbon neutral beef product.

Coles launched Coles Finest Certified Carbon Neutral Beef, which will include seven premium quality cuts of beef, from eye fillet to porterhouse steak.

The beef range, now available in Victorian stores with a national rollout over the next 12 months, is certified carbon neutral from paddock to shelf to the Australian Government’s Climate Active Carbon Neutral Standard.

Over the past two years, Coles has been working with beef farmers across Victoria and New South Wales to help calculate and reduce their emissions, resulting in emissions that are 19% below the Australian national average.

Coles CEO Steven Cain said the launch of Coles Finest carbon neutral beef was a great example of Coles working with suppliers to achieve better sustainability outcomes.

“When we announced our Sustainability Strategy just over a year ago, we said we’d work with all our stakeholders to achieve our Together to Zero emissions ambitions and to be Australia’s most sustainable supermarket,” he said.

“Coles Finest Certified Carbon Neutral Beef is a testament to the hard work of our beef producers and their commitment to sustainable practices, and we’re thrilled that they’re taking this important step with us.”

The packaging for the new beef range is fully recyclable and made from 90% recycled and plant-based sources, an Australian innovation by Coles’ packaging partner Plantic.

“As part of our ongoing sustainability journey, Coles is exploring further opportunities to partner with our suppliers on sustainability initiatives, so we can ensure a better future for generations to come,” Cain said.

Delatite Station cattle farmers Mark and Fenella Ritchie have been supplying Coles for 10 years, and are now among the beef producers working with Coles to deliver certified carbon neutral beef.

“We are really pleased to be part of the carbon neutral beef project with Coles. We are always looking to produce the finest quality beef with a strong commitment to environmental and animal welfare values that are backed up with an evidence-based approach to our decision making,” Mark Ritchie said.

As part of the carbon neutral beef program, Coles works with farmers to identify ways to reduce emissions from their operations, such as using renewable energy, changing herd management practices for more efficient reproduction and to maximise growth, and use of genetic selection to improve herd health.

Coles is also purchasing Australian Carbon Credit Units (ACCU) from the Armoobilla Regeneration Project in south-west Queensland to cover emissions that fall outside the scope of the insetting measures, such as those involved in processing and transporting the beef to stores, ensuring that the range achieves carbon neutral status.

